

Novas visões sobre o autismo

Da psicologia à genética, especialistas de diversas áreas apresentam, em evento realizado em São Paulo, novidades sobre o diagnóstico e o tratamento desse distúrbio.

Veja o filme protagonizado por "Tom Cruiser e Dustin Hoffman". Os irmãos Charlie, e Raymond que faz o papel de um autista – em cena do filme ‘Rain Man’, de 1988. Quando o pai de Charlie Babbitt morre, ele deixa uma fortuna em dinheiro para um irmão autista que ele desconhecia ter. Os dois então viajam pelo país conhecendo-se e aprendendo a conviver, passando, claro, por inúmeras dificuldades. Com isso acaba descobrindo nele uma peça importante de seu passado, e, conseqüentemente, passa a dar mais valor àquilo que mais desprezava..em..sua..vida:...o..amor..e..a..família.

<http://www.cineplayers.com/critica.php?id=871>

A primeira coisa a se falar sobre autismo é que, definitivamente, não se trata de um distúrbio raro. Os Distúrbios de Espectro Autista (DEA) atingem uma média de uma a cada 110 crianças nascidas nos Estados Unidos, [segundo dados do Centro para Controle de Doenças e Prevenção](#) (CDC, na sigla em inglês). No Brasil, um [estudo epidemiológico realizado em uma cidade do interior paulista](#) apontou um caso de autismo para cada 368 crianças de 7 a 12 anos.

Fala-se em ‘espectro autista’, pois hoje essa denominação engloba os vários tipos desse distúrbio comportamental. O diagnóstico não é simples, embora existam características comuns às pessoas com autismo, como a dificuldade em estabelecer contato visual com pessoas e objetos e a dificuldade de fala, além de comportamento autolesivo e/ou agressivo em graus distintos. Em alguns casos, pode haver também o comprometimento das habilidades motoras.

Durante a Escola São Paulo de Ciência Avançada em Autismo (ESPCA Autismo), realizada pela Universidade Federal de São Carlos no início do ano, os principais pesquisadores da área apresentaram o que há de mais

recente em diagnóstico e tratamento de distúrbios autistas, com algumas boas novidades para pais e professores.

O primeiro passo para um tratamento eficaz são pais e especialistas buscarem entender o que cada comportamento significa.

Vertentes modernas das pesquisas em DEA, como as realizadas pelo psicólogo Brian Iwata, especialista em análise do comportamento da Universidade da Flórida (EUA), apontam que modos de ação autolesivos e agressivos são completamente tratáveis. Iwata identificou que esses comportamentos são produzidos ou agravados porque têm funções específicas. Um chute, por exemplo, pode ser a forma que a pessoa com autismo encontrou para dizer que está com fome, já que tem a fala prejudicada. Um dedo repetidamente levado ao olho pode significar um estímulo agradável.

Por isso, o primeiro passo para um tratamento eficaz são pais e especialistas buscarem entender o que cada comportamento significa. Assim, será possível substituir comportamentos lesivos por uma linguagem não-verbal saudável.

Diagnóstico e tratamento precoces

Os especialistas ressaltam a importância do diagnóstico e tratamento precoces do autismo. Mas muitos pais deixam para tratar os filhos em idade mais avançada, quando consideram que eles já estão aptos a receber os estímulos educacionais, como ocorre com as crianças sem o distúrbio.

O pesquisador brasileiro Caio Miguel, da Universidade Estadual da Califórnia (EUA), explica que toda pessoa é sensível à educação. Contudo, os que apresentam algum espectro do autismo não aprendem de forma incidental – vendo e repetindo comportamentos usuais e palavras simples sem serem formalmente ensinados –, como acontece normalmente. “A criança com distúrbio autista precisa ser estimulada e o aprendizado vem via repetição”, ensina.

A psicóloga Cintia Guilhaardi, pesquisadora do [Grupo Gradual](#), está desenvolvendo um novo método para auxiliar na detecção de riscos de autismo em crianças de até um ano. A metodologia envolve diretamente os pais, que são

orientados a realizar tarefas mensais com a criança. “Essas tarefas incluem a gravação de vídeos”, diz. E completa: “Se houver a percepção de algum sinal autístico, rapidamente os pais já são orientados a maximizar o desenvolvimento do bebê com brincadeiras direcionadas”.

Apesar da existência de métodos de diagnóstico e tratamento precoces, o coordenador da ESPCA Autismo, Celso Goyos, chama a atenção para a dificuldade de encontrar no Brasil profissionais atualizados sobre os novos tratamentos. “A evolução no tratamento do distúrbio autista ao longo dos anos é enorme e sabemos que muitos profissionais estão repetindo práticas que se aplicavam há vinte anos”, ressalta.

O professor Celso Goyos, da Universidade Federal de São Carlos, encerra as atividades da Escola de Ciência Avançada em Autismo, ao lado dos co-organizadores do evento Caio Miguel, da Universidade Estadual da Califórnia, e Thomas Higbbee, da Universidade de Utah. (foto: Marcos Marin)

Para Goyos, o Brasil ainda tem muito a desenvolver nas pesquisas sobre DEA e carece de políticas públicas voltadas para o problema. “Para contribuir com a mudança dessa realidade, alguns acordos de cooperação internacional entre universidades foram sendo desenhados durante a Escola de Ciência Avançada, com ações previstas já para este ano de 2012”, conta. “A mobilização dos pais também é fundamental nessa busca por políticas públicas”, completa Caio Miguel.

Pelos caminhos da genética

Os cientistas também têm procurado na genética respostas que auxiliem na identificação e no tratamento dos distúrbios autistas.

O brasileiro Alysson Muotri, que realiza pesquisas com neurônios autistas na Universidade da Califórnia em San Diego (EUA), adiantou os resultados de um experimento bem-sucedido em que conseguiu reverter para o estado normal neurônios derivados de crianças com autismo clássico. A pesquisa, que deve ser publicada até o final de 2012, cria esperança em relação à produção de remédios modernos que impeçam o desenvolvimento ou mesmo consigam reverter o distúrbio.

Outros dois grupos de pesquisa no mundo também já se dedicam ao desenvolvimento de fármacos para o autismo e um outro deve ser formado na

Universidade de São Paulo (USP). A base para a criação dessas drogas já é conhecida, mas ainda se buscam substâncias que sejam eficazes e apresentem menos efeitos colaterais. Apesar dos avanços nessa área, os pesquisadores ressaltam que, mesmo obtendo bons resultados na produção do medicamento, ainda levará anos até que ele esteja disponível nas prateleiras.

10 coisas que você precisa saber sobre o autismo

- 1) Quanto mais cedo o diagnóstico e o tratamento, melhor. Inclusive os bebês podem receber tratamento a partir de brincadeiras.
- 2) É preciso “ensinar a criança autista a aprender”. Ela aprende com a repetição.
- 3) Crianças autistas tendem a não focar o olhar. Estimule-a a seguir pessoas e objetos; assim, seu aprendizado será mais acelerado.
- 4) Agressões podem ser formas de se comunicar e podem significar vontade de ir ao banheiro ou comer.
- 5) É preciso prestar atenção no que o autista quer dizer com gestos, balbucios ou gritos. Isso tornará o tratamento mais eficaz.
- 6) No caso de a criança não falar, é importante criar uma forma de se comunicar com ela. Isso pode ser feito por meio de acenos e gestos.
- 7) A criança com distúrbio autista também reage ao meio em que vive. Se ela parecer agitada, tente notar em quais momentos isso ocorre. Ela pode não estar gostando da cor da sua camisa.
- 8) Irmãos de crianças diagnosticadas com autismo têm até 10% de chances de desenvolver a doença. Os pais precisam observar possíveis riscos.
- 9) Para assegurar a integridade física dos filhos, os pais não devem hesitar em intervir.
- 10) Busque profissionais especializados.

Por: Adriana Cohen

Publicado em 31/01/2012 | Atualizado em 31/01/2012

Em, Fonte:

<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2012/01/novas-visoes-sobre-o-autismo>

ARGUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE O ASSUNTO:

Raul F Iserhard diz:

Essa denominação Doenças do Espectro Autista não ajuda em nada o diagnóstico da doença e potencialmente pode facilitar que outras doenças não bem reconhecidas seja aí colocadas. É interessante que da estatística de 1:10.000 dos anos noventa tenha caído tão surpreendentemente para 1:367 a prevalência da doença. Algo não vai bem nesse aspecto. Aos menos duas doenças podem ser coligadas: o Autismo Precoce de Kanner e a Síndrome de Asperger, ambas descritas no início dos anos 1940, de forma independente por esses dois médicos, em populações diferentes e com quadros clínicos aparentados mas não iguais. Penso que antes de se apresentar quadros clínicos (muitas vezes incompletos, resumidos ou privilegiando sintomas) deva se conhecer a psicopatologia dessas duas entidades clínicas, psicopatologia que não se iguala a quadro clínico. Como se trata de doença de causa ainda completamente desconhecida (não confundir com dados derivados) vejo com certo ceticismo a sintetização de algum medicamento que possa realmente ser eficaz no conjunto do que a doença produz no ser humano.

André explica:

Raul, a denominação "Doenças do Espectro Autista", é na verdade uma tradução não muito precisa do termo em inglês Autism Spectrum Disorders (ASD). Ao contrário do que você disse, este termo vem sendo amplamente empregado na literatura especializada justamente para destacar a ampla variação sintomatológica e de severidade apresentada por indivíduos que atendem aos critérios diagnósticos deste tipo de transtorno. Nos anos 90 a estatística era uma e em 2010 temos novas estatísticas: mas estatísticas são apenas números. Vários fatores podem ser uma possível explicação do aumento desses números, como a melhora nas técnicas diagnósticas (os casos vem sendo identificados cada vez mais cedo e com mais

frequência) ou até mesmo por fatores ambientais como alimentação, vacinas ou determinadas condições pré e neonatais, que associados a fatores genéticos, podem desencadear o início de um ASD. Novamente ao contrário do que você afirmou, a causa dos ASD não é "completamente" desconhecida. Pesquisas estão sendo realizadas em vários lugares do mundo para identificar possíveis causas do ASD e apesar de não se ter ainda uma resposta, progressos vem sendo realizados. Sugiro a você se informar melhor e ler com mais cuidado a matéria: hora nenhuma foi dito que já estão sendo comercializados medicamentos que prometem curar o autismo. Estão sendo realizadas pesquisas para que, se possível, isso um dia seja feito. E mesmo que o tratamento medicamentoso esteja ainda longe (como a própria matéria diz), o tratamento analítico-comportamental para os ASD vem apresentando ao longo dos anos resultados incrivelmente satisfatórios e amplamente documentados nos mais importantes meios de divulgação científica.

Raul F Iserhard diz:

A respeito de tratamento e cuidado da criança com autismo infantil, apresentamos: ISERHARD, Raul Fernando ; ZENKER, Mirtha da Rosa . Por uma Visão de Tratamento Compartilhado para Crianças Autistas. In: IV Congresso Mundial da Criança Autista, II Simpósio Internacional de Instituições para Deficientes Mentais. São Paulo. Anais. São Paulo, SP : AMA, 1991. p. 294-295. Foi um programa desenvolvido para a participação dos pais por pelo menos duas semanas, no atendimento diário conjunto de seus filhos em nossa Clínica, visando compartilhar as experiências com seus filhos, em casa e na Clínica, para buscar certa uniformidade nas condutas. E atendemos mais de 200 crianças com ambas formas, Autismo Infantil de Kanner e Síndrome de Asperger. O fato de um termo ter ampla utilização, como o caso DEA, não significa que esclareça melhor uma doença. Os sistemas classificatórios como DSM ou CID empregam critérios que mais abrem o leque diagnóstico do que o aprimoram,

permitindo que quadros clínicos com alguma semelhança possam ser incluídos, o que pode gerar uma possível inflação estatística. Tais critérios, ao tempo que permitem uma confiabilidade entre profissionais e pesquisadores, não garantem que essa concordância seja verdadeira; vale dizer, podemos concordar nos nossos diagnósticos mas não podemos afirmar que sobre o que concordamos seja verdadeiro. Critérios, lista de sinais e sintomas não são igualáveis a psicopatologia, no caso. Todos sabemos que Kanner derivou o termo do seu diagnóstico de Autismo Infantil daquele criado por Eugen Bleuler para identificar o que ele considerava o elemento mais fundamental para o diagnóstico da esquizofrenia (Dementia Praecox ou o Grupo das Esquizofrenias) – o autismo (uma profunda e irrevogável modificação do modo-de-ser desse indivíduo) - ao perceber a mudança radical que apresentava a criança acometida. Assim, seguindo critérios, há quem inclua nos DEA a síndrome de Rett; outros, algumas formas de déficit de atenção com ou sem hiperatividade. O que obviamente aumenta a incidência dos DEA. São critérios e isso não se discute. O que se discute é: qual a validade de tais critérios. Por outro lado, em nenhuma frase do meu comentário escrevi que a matéria informa que já estão sendo comercializados medicamentos para o tratamento/cura da doença. O que escrevi foi: vejo com certo ceticismo a sintetização de medicamentos possam realmente ser eficazes no conjunto do que a doença produz no ser humano. E em nossa Clínica de Psiquiatria da Infância sempre que tivemos de empregar algum medicamento, isso estava sujeito a um rigoroso protocolo.